

Trimestral 4T/2017

Têxtil e Vestuário no Contexto Nacional
e Internacional



cenit.

Ficha técnica

TÍTULO

Têxtil e Vestuário no Contexto Nacional e Internacional

Publicação Trimestral – Outubro a Dezembro/2017

PROPRIEDADE

CENIT – Centro de Inteligência Têxtil

COORDENAÇÃO GERAL

Manuel Teixeira

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Sigma Team Consulting

JSAreias Consultoria

DATA DE EDIÇÃO

Dezembro de 2017

Índice

05	1. Introdução
07	2. Conjuntura económica global
07	2.1. Atividade económica
11	2.2. Preços e taxas de câmbio
14	2.3. Taxas de juro e mercados financeiros
17	2.4. Mercado de trabalho e custos do trabalho
18	2.5. Perspetivas para o futuro próximo
21	3. Comércio internacional de têxteis e vestuário
25	4. Têxtil e vestuário em Portugal
25	4.1. Evolução da atividade económica
26	4.2. Relevância do comércio internacional
30	4.3. Estrutura do comércio internacional

1. Introdução

O presente documento tem como intuito apresentar, de forma condensada e pragmática, informação relevante sobre a indústria têxtil e de vestuário (ITV) em termos de dinâmica trimestral, almejando contribuir para a definição e afinação adequada de estratégias de crescimento e de internacionalização das empresas portuguesas.

Para tal, coligiu-se e sistematizou-se um conjunto de dados estatísticos oficiais sobre a ITV no contexto nacional e no contexto internacional, sem deixar de conferir um enquadramento mais amplo, relativo à economia em geral.

Para além deste ponto introdutório, enquadrado no âmbito do Capítulo 1, o corrente documento estrutura-se em torno de três capítulos adicionais.

O Capítulo 2 é dedicado à apresentação, sintética, da evolução da conjuntura económica portuguesa, procedendo-se, sempre que oportuno, à sua comparação com a realidade internacional.

Por sua vez, o Capítulo 3 é dedicado ao contexto internacional, centrando-se, para o efeito, em dados do comércio mundial, num primeiro passo relativo à globalidade das mercadorias e, de seguida, relativo aos produtos da ITV.

Por fim, o Capítulo 4 centra-se na ITV portuguesa e, mais concretamente, nos seus fluxos de comércio mundial, apresentando-se aqui um maior nível de detalhe da informação, relativamente aos dois capítulos anteriores, quer do ponto de vista dos produtos que perfazem a ITV e do seu alinhamento

com a especialização produtiva portuguesa, quer do ponto de vista dos indicadores analisados. Este último capítulo pretende, no fundo, constituir-se como uma base fiável e útil para a identificação de oportunidades para a internacionalização das empresas portuguesas da ITV.

Atendendo à periodicidade trimestral desta publicação, a apresentação da informação segundo este horizonte temporal de análise encontra-se patente, sendo que, para assegurar a maior uniformidade possível na leitura dos dados e indicadores apresentados, procurou-se dar um claro enfoque ao 4.º trimestre de 2017. De acordo com a natureza dos dados e indicadores selecionados, a análise é apresentada em termos homólogos e em cadeia.

As fontes de informação foram selecionadas com base na conjugação de dois critérios: grau de disponibilização de informação enquadrável com o horizonte temporal visado no estudo e credibilidade da informação fornecida. Neste sentido, destaca-se o recurso a dados e indicadores provenientes das seguintes fontes: Banco de Portugal (BdP), Banco Central Europeu (BCE), Comissão Europeia (CE), Energy Information Administration (EIA), European Money Markets Institute (EMMI), Eurostat, Instituto Nacional de Estatística (INE), International Trade Centre (ITC) e Office of Textiles and Apparel (OTEXA).

Painel de bordo (4.º trimestre de 2017)

Variações homólogas trimestrais

Produto Interno Bruto	Indicador de sentimento económico	Indicador de clima económico
↑ 2,4 %	↑ 6,4 %	↑ 0,7 p.p.
Produção industrial	Volume de negócios na indústria	Índice de preços no consumidor
↑ 2,0 %	↑ 8,4 %	↑ 1,5 %
Índice de preços no produtor	Preço do Brent (USD/barril)	EUR/USD (média trimestre)
↑ 2,5 %	↑ 25,1 %	↑ 9,2 %
EURIBOR a 3 meses	Yield das OT a 10 anos	Taxa juro em novas operações de crédito (< 1M€)
↓ 0,02 p.p.	↓ 1,48 p.p.	↓ 0,36 p.p.
Taxa de desemprego	Custo do trabalho	Apreciação sobre a situação atual da economia
↓ 2,4 p.p.	↑ 0,7 %	↑ 20,2 p.p.
Vendas nos próximos 3 meses	Exportações nos próximos 3 meses	Perspetivas sobre a evolução da economia
↑ 0,3 p.p.	↓ 2,8 p.p.	↑ 11,6 p.p.
Exportações mundiais de mercadorias (dados provisórios)	Exportações mundiais têxteis e vestuário (dados provisórios)	Exportações portuguesas de mercadorias
↑ 3,1 %	↓ 1,0 %	↑ 8,4 %
Importações portuguesas de mercadorias	Exportações portuguesas de têxteis e vestuário	Importações portuguesas de têxteis e vestuário
↑ 9,8 %	↑ 3,7 %	↑ 3,8 %

2. Conjuntura económica global

2.1. Atividade económica

Segundo os dados do Eurostat, a economia portuguesa manteve, no 4.º trimestre de 2017, o nível de crescimento homólogo registado no 3.º trimestre de 2017, evidenciando uma continuação do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em relação ao verificado no trimestre anterior. O crescimento do PIB foi na ordem de 2,4% no 4.º trimestre de 2017.

Em termos homólogos, no 4.º trimestre de 2017, destaca-se o aumento do investimento

A variação homóloga das exportações foi positiva, ao contrário do verificado nas importações

O indicador de sentimento económico revelou uma evolução positiva, mantendo a tendência registada nos quatro trimestres transatos

Em termos homólogos, no 4.º trimestre de 2017, o consumo privado diminuiu e o consumo público aumentou

Os índices de volume de negócios nos serviços e no comércio revelaram uma evolução positiva, em comparação com o trimestre transato

O índice de preços no consumidor no 4.º trimestre de 2017 acelerou 1,1% face ao período homólogo

Evolução homóloga do PIB e dos principais indicadores económicos em Portugal e na zona euro

		4T/2015	1T/2016	2T/2016	3T/2016	4T/2016	1T/2017	2T/2017	3T/2017	4T/2017
PIB preços de mercado (VH)	Portugal	1,6	1,1	0,9	2,0	2,4	2,9	3,0	2,4	2,4
	Zona euro	2,0	1,7	1,7	1,7	2,0	2,1	2,5	2,8	2,8
Consumo privado	Portugal	1,6	2,3	1,2	2,0	2,9	2,4	2,0	2,6	2,0
	Zona euro	1,8	2,1	1,9	1,8	1,9	1,7	1,9	1,8	1,4
Consumo público	Portugal	1,7	1,6	0,7	0,2	0,0	-0,4	-0,7	0,2	0,2
	Zona euro	1,5	1,9	2,0	1,7	1,6	0,9	1,1	1,4	1,3
Investimento	Portugal	6,8	-1,7	-1,1	0,2	5,8	7,4	10,1	10,3	6,4
	Zona euro	5,2	2,2	5,1	4,1	3,6	3,7	4,7	3,1	2,5
Exportações	Portugal	3,8	3,5	1,8	5,5	6,8	10,1	8,1	6,2	7,3
	Zona euro	5,2	3,2	3,1	3,2	3,8	4,9	4,7	5,9	6,6
Importações	Portugal	6,0	4,4	1,3	3,7	7,5	9,0	7,3	8,4	7,1
	Zona euro	6,6	4,1	5,2	4,6	4,6	4,8	4,5	4,4	4,3

Fonte: Eurostat

Sistematiza-se, de seguida, um conjunto de dados sobre a atividade económica nacional, destacando-se, sempre que possível, o 4.º trimestre de 2017.

No 4.º trimestre de 2017, o PIB português apresentou um crescimento de 2,4% face ao mesmo período de 2016 (com base nos dados do Eurostat), mantendo assim o ritmo de crescimento verificado no 3.º trimestre do ano (crescimento de 2,4%).

Conforme divulgado pelo INE, o contributo da procura interna para a variação homóloga do PIB, em volume, diminuiu para 2,4 pontos percentuais

(p.p.) (3,5 p.p. no trimestre precedente), refletindo a desaceleração do Investimento para 5,9% (10,3% no 3.º trimestre) e do consumo privado para 2,0% (2,6% no trimestre anterior). O contributo da procura externa líquida foi nulo (-1,1 p.p. no trimestre anterior), em resultado da aceleração das Exportações de Bens e Serviços para uma taxa de variação homóloga de 7,2% (6,2% no 3.º trimestre) e do abrandamento das Importações de Bens e Serviços para 6,9% (8,4% no trimestre anterior).

Comparativamente com o trimestre anterior, o PIB aumentou 0,7% em termos reais (variação em cadeia de 0,6% no 3.º trimestre). O contributo

da procura externa líquida foi positivo (0,6 p.p.) no 4.º trimestre (-0,3 p.p. no trimestre anterior), observando-se uma aceleração mais intensa das Exportações de Bens e Serviços (de 0,5% para 4,3%) do que das Importações de Bens e Serviços (de 1,2% para 2,9%). O contributo da procura interna para a variação do PIB em cadeia diminuiu para 0,1 p.p. no 4.º trimestre (1,0 p.p. no 3.º trimestre), em consequência do abrandamento do consumo privado para 0,3% (1,4% no trimestre anterior) e da diminuição de 0,4% do Investimento (crescimento de 0,2% no trimestre precedente).

Conforme divulgado pelo INE, no conjunto do ano 2017 o PIB registou um crescimento de 2,7% em termos reais, traduzindo uma aceleração de 1,1 p.p. face ao observado em 2016. O contributo da procura interna aumentou para 2,9 p.p. (1,6 p.p. em 2016), refletindo sobretudo a aceleração do Investimento para uma taxa de variação de 8,4% (0,8% em 2016), enquanto o consumo privado (Despesas de Consumo Final das Famílias Residentes e das Instituições Sem Fim Lucrativo ao Serviço das Famílias) acelerou ligeiramente de 2,1% para 2,2%. A procura externa líquida passou de um contributo nulo em 2016 para -0,2 p.p., verificando-se uma

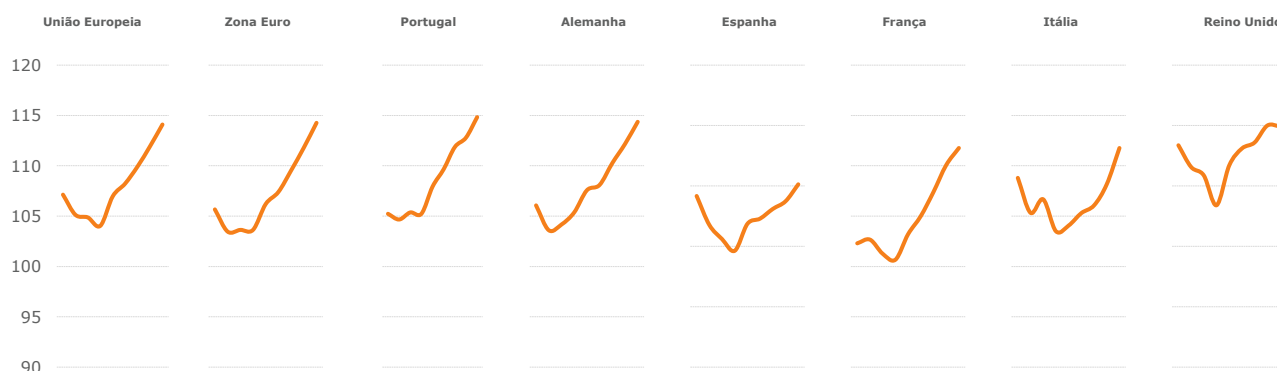
aceleração das Exportações de Bens e Serviços, de 4,4% em 2016 para 7,9% e das Importações de Bens e Serviços, de 4,2% para 7,9% em 2017.

O indicador de sentimento económico da Comissão Europeia subiu para Portugal no 4.º trimestre de 2017, mantendo assim a evolução positiva, em termos de variação em cadeia, que se tem verificado desde o 4.º trimestre de 2016. Em termos da variação homóloga, o índice no 4.º trimestre ficou 6,4% acima do registado em igual período de 2016.

Entre os países em destaque, apenas o Reino Unido não evidenciou uma evolução positiva em cadeia no 4.º trimestre do ano, evolução positiva que foi também evidenciada no conjunto da União Europeia (UE) e da zona euro. De salientar o caso da Alemanha, que tem evidenciado evoluções positivas em cadeia desde o 2.º trimestre de 2016.

Em termos da variação homóloga, entre os países em destaque, todos registaram uma variação positiva no 4.º trimestre de 2017, com o índice para o conjunto da UE a crescer 6,7% e para a zona euro a evidenciar um crescimento de 7,6% na comparação com igual período de 2016.

Evolução do indicador de sentimento económico: Portugal, zona euro, UE e principais economias europeias



Fonte: Comissão Europeia

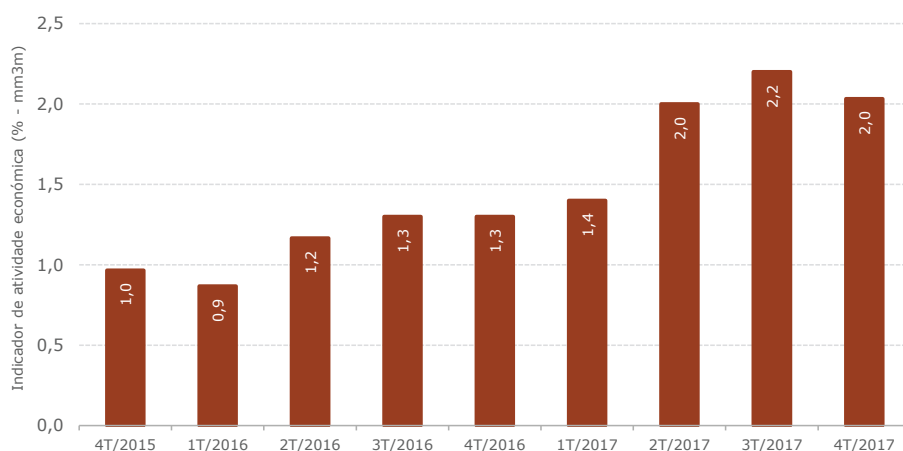
O indicador de clima económico, evidenciou a partir do 2.º trimestre de 2016 uma evolução positiva em termos de média trimestral, sendo que o 4.º trimestre de 2017 interrompeu esta tendência apresentando uma descida para um valor médio de 2,0% (ficou nos 2,2% no trimestre anterior), apesar de permanecer 0,7 p.p. acima do verificado em período homólogo.

Após dois trimestres consecutivos com variações em cadeia negativas (3.º e 4.º trimestres de 2016), o índice de produção industrial para o total da indústria portuguesa cresceu no 1.º trimestre de 2017, tendo, no entanto, evoluído novamente de forma negativa a partir do 2.º trimestre

do ano, registando, em termos homólogos, uma subida de 2,0% no 4.º trimestre de 2017.

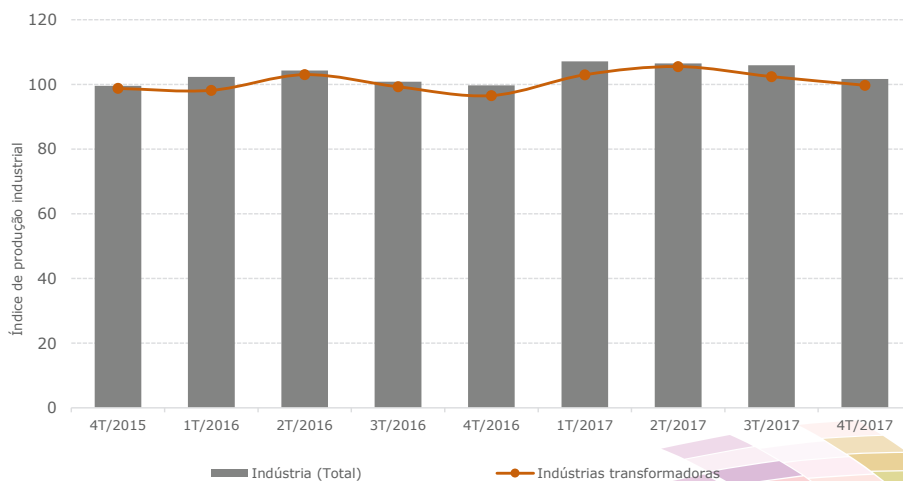
Por seu lado, o índice de produção da indústria transformadora evoluiu negativamente na comparação em cadeia na última metade de 2016, tendo aumentado consideravelmente no 1.º trimestre de 2017 e subido ligeiramente no 2.º trimestre do ano, mas voltou a recuar novamente nos 3.º e 4.º trimestres do ano. Apesar deste desempenho, em termos homólogos, no 4.º trimestre de 2017, o índice de produção industrial na indústria transformadora evidenciou uma subida de 3,3%.

Evolução do indicador de clima económico



Fonte: INE

Evolução do índice de produção industrial (base 2015)



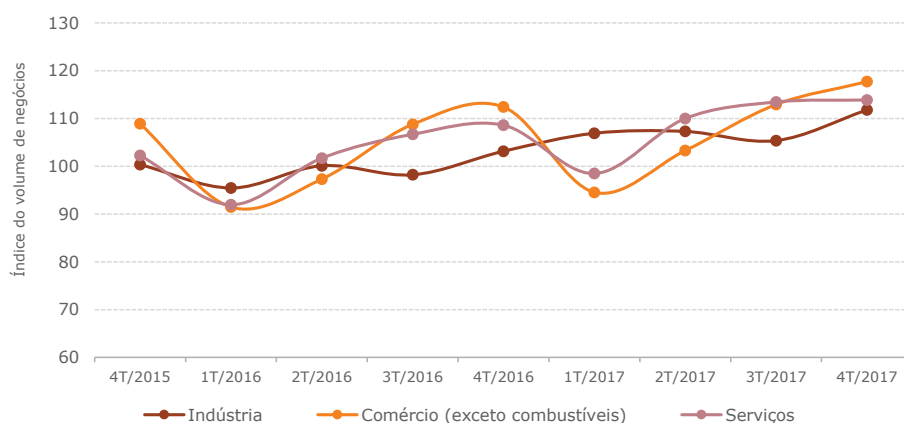
Fonte: INE

No tocante ao índice de volume de negócios e considerando os três grandes setores de atividade (indústria, comércio e serviços), este indicador tem revelado uma tendência de evolução relativamente idêntica ao longo do período em destaque. Ressalvando, na evolução em cadeia, a quebra verificada no 1.º trimestre de 2016, estes indicadores têm demonstrado um crescimento em cadeia praticamente constante. De notar as únicas exceções no caso da indústria, no 3.º trimestre de 2016 e no

3.º trimestre de 2017, bem como no caso do comércio a retalho e dos serviços, a quebra em cadeia verificada no 1.º trimestre de 2017.

Relativamente à evolução homóloga destes indicadores, salienta-se o crescimento registado nos três casos no 4.º trimestre de 2017, destacando-se a indústria com uma subida de 8,4%, seguida pelos serviços com um crescimento de 4,9% e o retalho com uma subida de 4,7%.

Evolução do índice do volume de negócios total por grandes setores de atividade (base 2015)



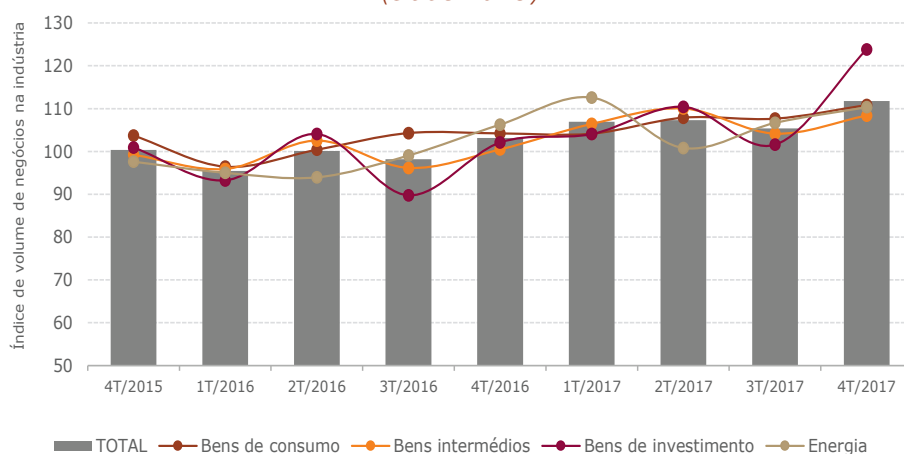
Fonte: INE

O índice de volume de negócios na indústria registou no 4.º trimestre de 2017 uma subida homóloga de 8,4%, para a qual contribuíram as subidas registadas ao nível dos bens de consumo, dos bens intermédios, dos bens de investimento e da energia. Os bens de consumo apresentaram um índice geralmente superior ao total da indústria ao longo do período em análise, tendo a sua tendência de crescimento acompanhado de forma generalizada a dos

restantes tipos de bens em questão. Por seu lado, os bens de investimento evidenciaram uma subida de 21,3% em termos homólogos.

No 4.º trimestre de 2017, os bens de investimento registaram uma subida em cadeia no seu índice de volume de negócios de cerca de 22,0% face ao trimestre anterior, enquanto os bens de consumo cresceram 3,0% e os bens intermédios cresceram 4,0%.

Evolução do índice do volume de negócios total na indústria, por agrupamentos industriais (base 2015)



Fonte: INE

2.2. Preços e taxas de câmbio

Em termos homólogos, a taxa de inflação, medida pelo Índice de Preços no Consumidor (IPC) evidenciou uma tendência de crescimento entre os 3.º e 4.º trimestres de 2017, posicionando-se na ordem dos 1,5%. Analisando em termos da evolução do Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (IHPC), verificou-se também um agravamento deste indicador, que passou de uma variação homóloga de 1,3% no 3.º trimestre para os 1,8% no 4.º trimestre de 2017.

Conforme a análise do INE, em dezembro de 2017, a variação homóloga do IPC situou-se em 1,5%, taxa idêntica à registada no mês anterior. O indicador de inflação subjacente apresentou uma taxa de variação homóloga de 1,2%, valor ligeiramente superior ao registado em novembro (1,1%). A variação mensal do IPC registou uma taxa de variação mensal nula, superior à observada no mês anterior (-0,3%) e idêntica à registada no mesmo mês do ano anterior. Em 2017, o IPC registou uma taxa de variação média anual de 1,4% (0,6% em 2016). O indicador de inflação subjacente, medido pelo índice total

exceto produtos alimentares não transformados e energéticos, situou-se em 1,1% em 2017 (0,7% em 2016).

Por seu lado, o IHPC português registou uma variação homóloga de 1,6% em dezembro de 2017, inferior em 0,2 p.p. à taxa observada no mês anterior e superior em 0,2 p.p. à estimativa do Eurostat para a zona euro (em novembro, a taxa do IHPC português foi superior em 0,3 p.p. à verificada na zona euro). O IHPC português apresentou, em dezembro de 2017, uma variação mensal de -0,2%, taxa inferior em 0,2 p.p. à observada no mesmo mês do ano anterior. Em dezembro, de acordo com a estimativa do Eurostat, a taxa de variação mensal do IHPC da zona euro terá sido 0,4% (0,5% em dezembro de 2016).

Segundo o INE, no caso do Índice de Preços na Produção Industrial (IPPI) no 4.º trimestre de 2017, a taxa de variação homóloga do IPPI situou-se em 2,7% (variação de 2,5% no 3.º trimestre). Os agrupamentos de bens intermédios e de energia apresentaram contributos de, respetivamente,

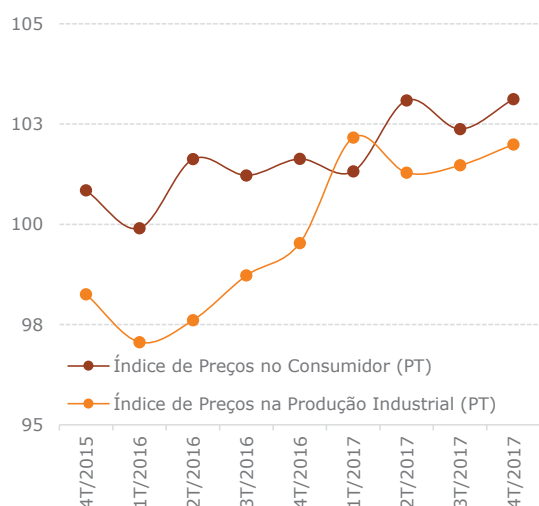
1,3 p.p. e 1,2 p.p., resultantes dos aumentos de 3,9% e 6,2% (2,2% e 7,4% no trimestre anterior, pela mesma ordem). Por secções, o índice das indústrias transformadoras, com uma taxa de variação homóloga de 2,2% (1,8% no 3.º trimestre), apresentou o contributo mais influente (2,0 p.p.) para a variação do índice total.

De referir que, a partir do 3.º trimestre de 2015, a diferença entre o IPC e o IPPI ampliou-se, com este último a fixar-se sistematicamente abaixo

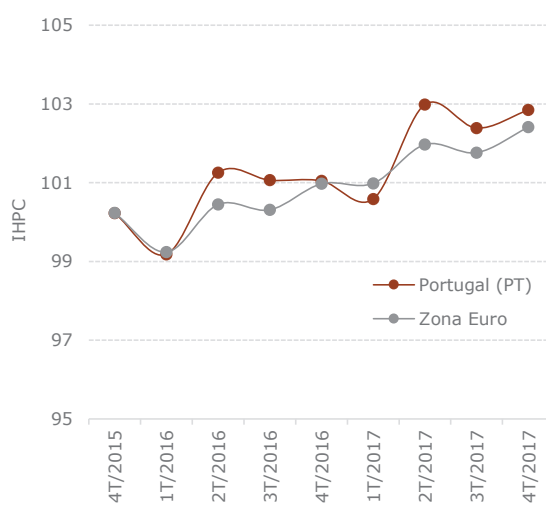
do primeiro, situação especialmente visível no 2.º trimestre de 2016 e apenas contrariada no 1.º trimestre de 2017.

Tomando como referência o IHPC, o diferencial de inflação de Portugal em relação à zona euro aumentou na comparação com o período homólogo, tendo passado de uma diferença positiva de 0,07 pontos no 4.º trimestre de 2016 para uma diferença positiva de 0,44 pontos no 4.º trimestre de 2017.

Evolução do IPC (base 2012) e IPPI (base 2015) para Portugal e do IHPC (base 2015) para Portugal e para a zona euro



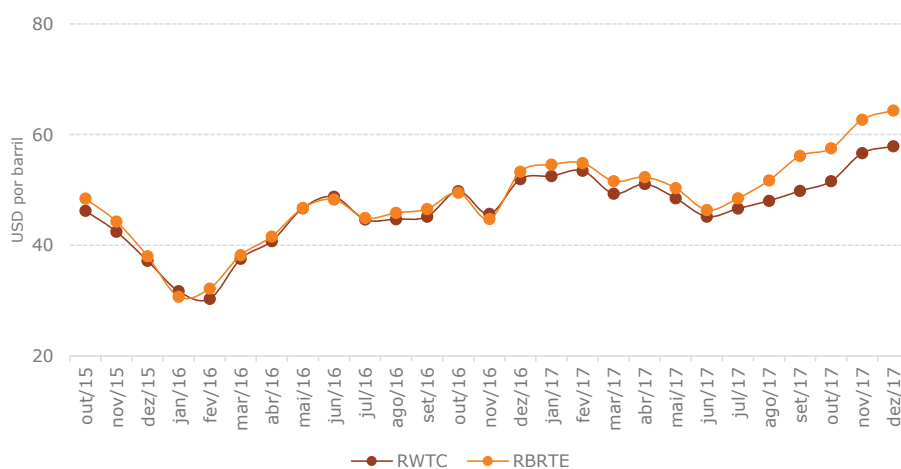
Fonte: INE e Eurostat



Ao longo do período considerado nesta análise (outubro de 2015 a dezembro de 2017), o preço do Brent alcançou um máximo de 64,37 dólares por barril em dezembro de 2017, tendo atingido o preço mais baixo do período em análise em janeiro de 2016, na ordem dos 30,70 dólares por barril.

Durante os últimos seis meses de 2017, o preço do Brent aumentou desde o mínimo de 48,48 dólares, registado em julho, até o máximo de 64,37 dólares, observado em dezembro, fechando o 2.º semestre com um preço médio de 56,82 dólares por barril, acima do preço médio de 51,68 dólares verificado no 1.º semestre de 2017.

Evolução do preço do brent (USD por barril)



Fonte: EIA

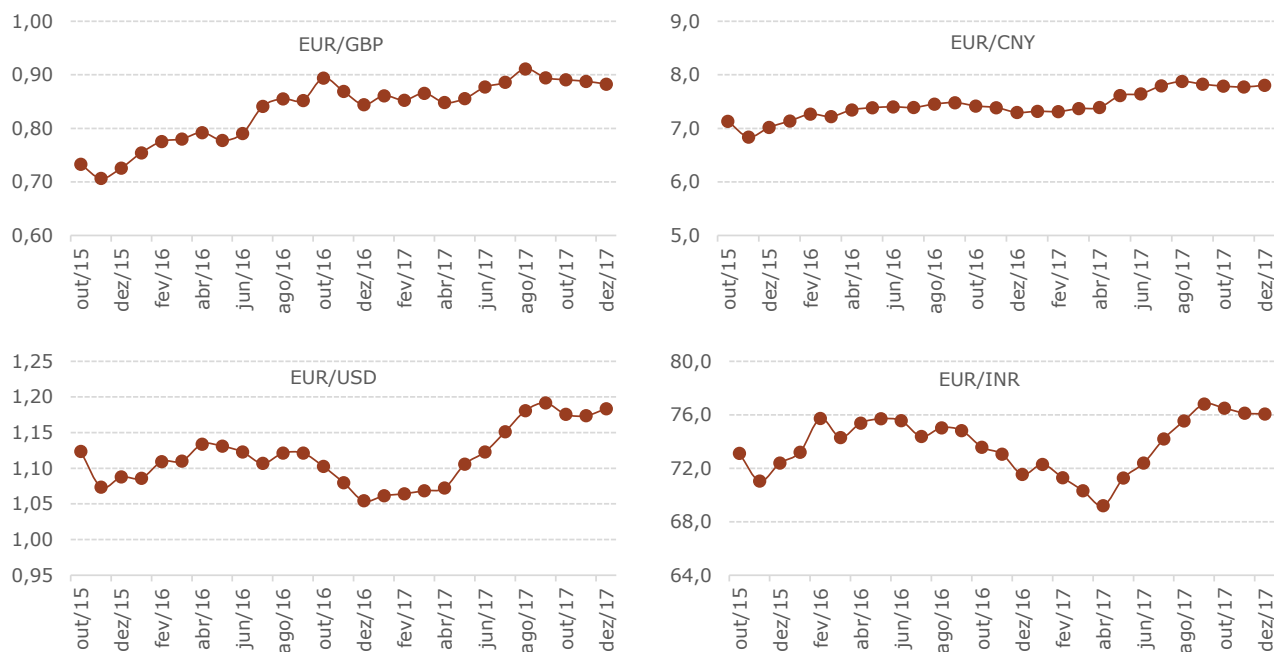
No tocante a taxas de câmbio, verificou-se no 4.º trimestre de 2017 um movimento generalizado de apreciação do euro na variação homóloga face às moedas dos principais parceiros comerciais portugueses em produtos têxteis e de vestuário. No entanto, na variação em cadeia verificou-se uma tendência de depreciação da moeda única no caso da libra esterlina e do yuan chinês.

Relativamente ao dólar, foi verificada no 4.º trimestre de 2017 uma subida homóloga do euro de 9,2% na cotação média, uma variação que encontra algum paralelo na comparação com a subida em cadeia de 0,3% registada na comparação com o trimestre anterior.

Com a libra, verificou-se uma apreciação do euro em termos da variação homóloga de 2,1% em relação a igual período de 2016, ao passo que na comparação em cadeia verificou-se uma tendência contrária, com o euro a desvalorizar 1,1% no 4.º trimestre de 2017.

Relativamente ao yuan, o euro apreciou 5,7% na comparação homóloga no 4.º trimestre de 2017, verificando-se um decrescimento de 0,6% em cadeia. No que se refere à rupia indiana, foi verificada uma apreciação homóloga de 4,8% do euro no trimestre em análise, com a variação trimestral em cadeia a aumentar 0,9%.

Evolução da taxa de câmbio do euro com as principais moedas de referência no comércio têxtil e vestuário



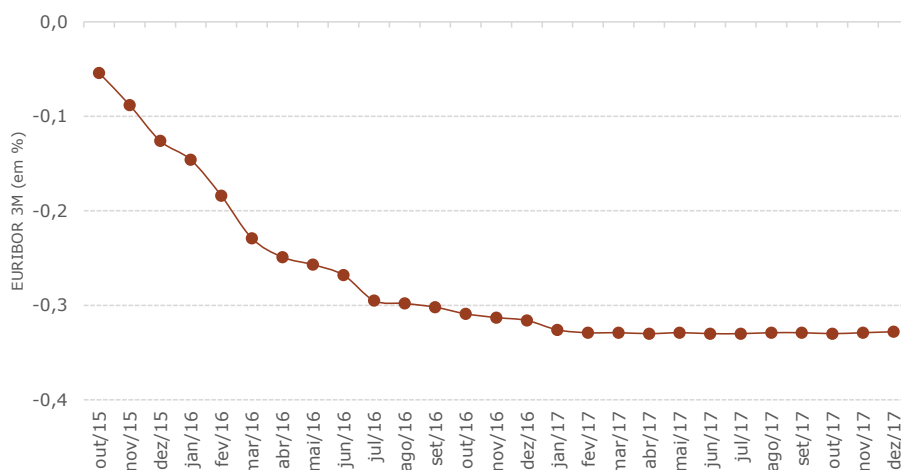
Fonte: Banco de Portugal

2.3. Taxas de juro e mercados financeiros

A Euribor a 3 meses, com valores negativos desde maio de 2015, não tem sofrido alterações substantivas ao longo do corrente ano. Após a tendência de queda acentuada, seguida por um período de queda ligeira, as taxas estabilizaram desde o início de 2017

e, no médio prazo, face à decisão do Banco Central Europeu (BCE) de não alterar as taxas de juro, a tendência será no sentido da estabilização da Euribor em torno dos valores atuais.

Evolução da taxa Euribor a 3 meses



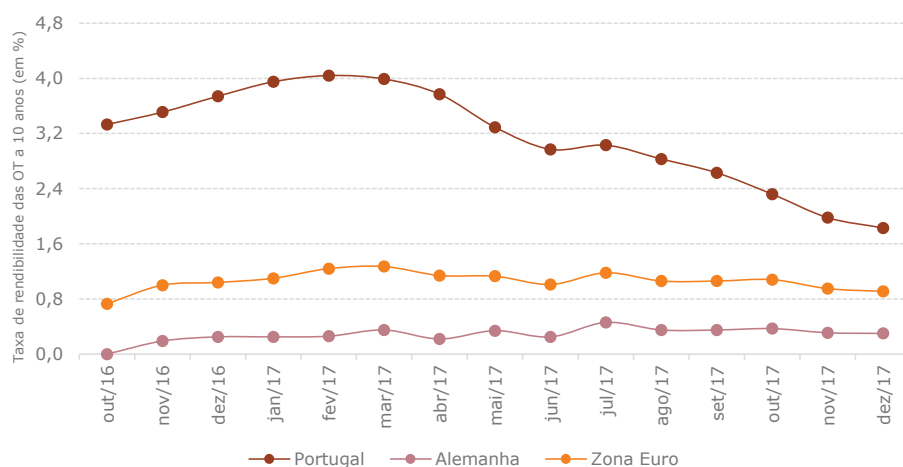
Fonte: EMMI

Em dezembro de 2017, as yields das Obrigações do Tesouro (OT) português a 10 anos registaram uma descida de 1,91 p.p. face ao período homólogo de 2016, passando de 3,74% para 1,83%, o valor mais baixo que se registou no corrente ano. Efetivamente, após o pico de 4,04% verificado em fevereiro de 2017, as yields têm evidenciado uma tendência de descida.

Por sua vez, as yields das OT alemãs registaram uma desaceleração no início do 2.º trimestre de 2017 (0,22% em abril), mas após um incremento em maio (0,34%) e um pico em julho (0,46%) terminaram o 4.º trimestre com uma taxa de 0,30%.

Relativamente à zona euro, apesar de as yields terem apresentado um andamento semelhante ao da Alemanha na generalidade do período em análise, verificou-se que no mês de março de 2017 as taxas na comparação homóloga ficaram significativamente acima das verificadas em igual período do ano anterior, registando-se uma tendência de quebra a partir desse ponto, atingindo os 1,01% em junho e os 0,91% em dezembro. Considerando a análise desde outubro de 2015, as yields da zona euro registaram o pico máximo em março de 2017 (1,27%) e o mínimo em agosto de 2016 (0,57%).

Evolução da yield das OT a 10 anos

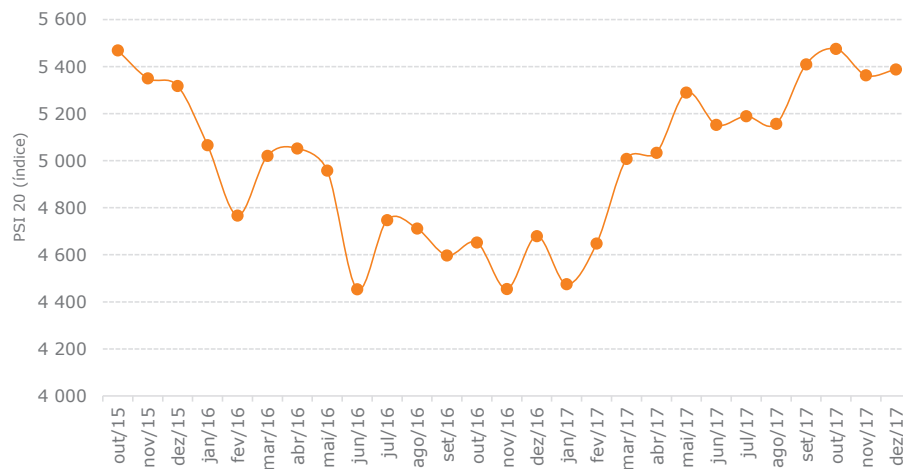


Fonte: Eurostat

O índice PSI20 evidenciou, na variação em cadeia, uma subida em dezembro de 2017 (+0,5%), que surge após uma quebra de 2,1% em novembro e subidas de 1,2% e 4,9% em outubro e setembro, respetivamente. O índice encerrou o 2.º semestre de 2017 acumulando uma subida de 20,4% desde

o início do ano e posicionando-se 15,2% acima da posição registada em dezembro de 2016. Ao longo do conjunto de 2017 (dados relativos ao fim do período), o índice evidenciou o valor mais elevado em outubro (5.475,67 pontos) e o mais baixo em janeiro (4.475,03 pontos).

Evolução do mercado de capitais nacional (PSI20)



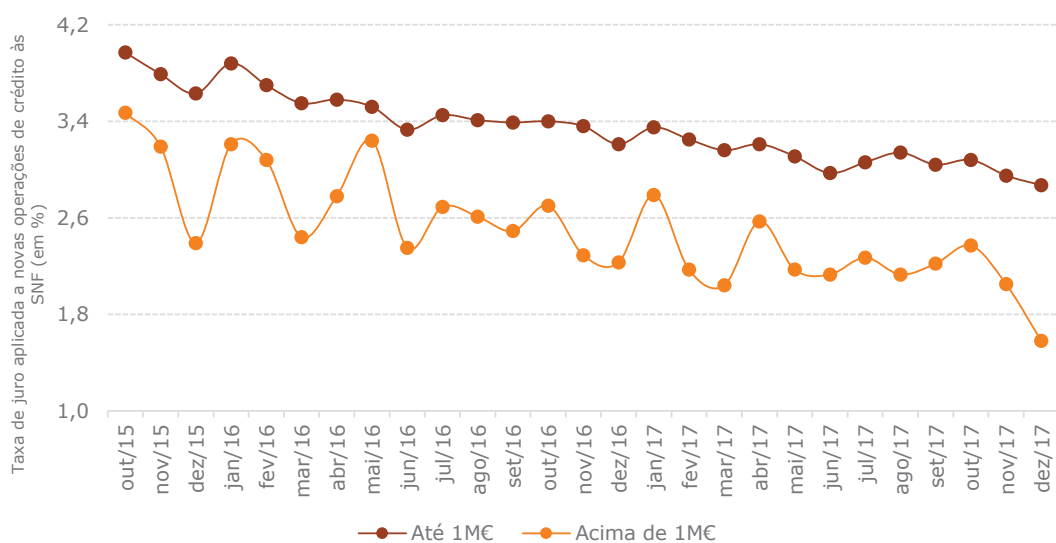
Nota: os dados do PSI20 referem-se ao fim do período.

Fonte: Banco de Portugal

Em dezembro de 2017 a taxa de juro média dos novos empréstimos concedidos a Sociedades Não Financeiras (SNF) até 1 milhão de euros foi de 2,87%, o que corresponde a diminuições de 0,34 p.p. face ao período homólogo e de 0,08 p.p. em relação ao mês anterior. Ao longo do período em análise, este indicador tem registado uma tendência generalizada de descida.

Quanto aos empréstimos superiores a 1 milhão de euros, a tendência não tem sido tão linear, tendo registado vários picos e cavas ao longo do período em análise. Ainda assim, com referência a dezembro de 2017, as taxas de juro destes empréstimos registaram uma diminuição homóloga de 0,65 p.p. e uma diminuição de 0,47 p.p. na comparação em cadeia.

Evolução das taxas de juro aplicadas a novas operações de crédito às SNF



Fonte: Banco de Portugal

2.4. Mercado de trabalho e custos do trabalho

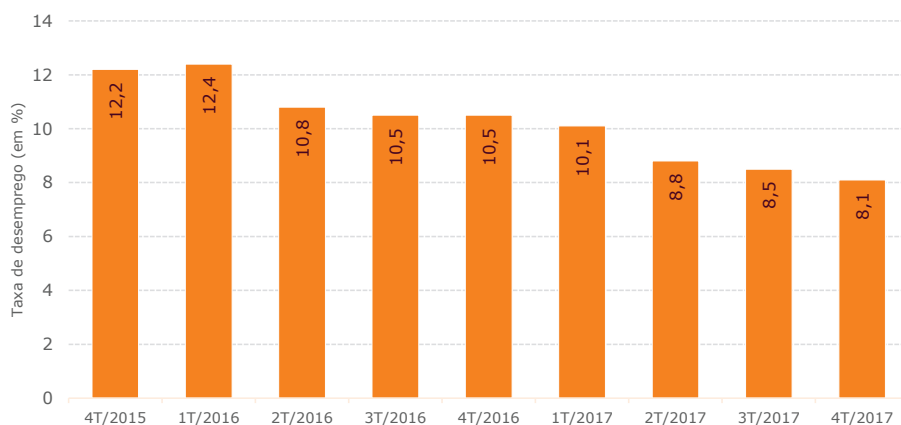
A taxa de desemprego em Portugal situou-se em 8,1% no 4.º trimestre de 2017, mantendo assim ininterrupta a tendência de descida que se tem verificado desde o 2.º trimestre de 2016. Esta evolução reflete uma queda de 0,4 p.p. em cadeia e uma redução de 2,4 p.p. quando considerada a variação homóloga.

Conforme referido na análise do INE, a população desempregada, estimada em 422,0 mil pessoas, registou uma diminuição trimestral de 4,9% (menos 22,0 mil pessoas), prossequindo as diminuições trimestrais observadas desde o 2.º trimestre de 2016. Em relação ao trimestre

homólogo, verificou-se uma diminuição de 22,3% (menos 121,2 mil pessoas).

A população empregada, estimada em 4.804,9 mil pessoas, verificou uma variação trimestral relativa quase nula (ligeiro acréscimo de 1,9 mil pessoas). Em relação ao trimestre homólogo, verificou-se um aumento de 3,5% (mais 161,3 mil pessoas), o maior desde o 4.º trimestre de 2013. A taxa de atividade da população em idade ativa (15 e mais anos) situou-se em 59,0%, tendo diminuído 0,3 p.p. em relação ao trimestre anterior e aumentado 0,4 p.p. face ao trimestre homólogo.

Evolução da taxa de desemprego em Portugal



Fonte: INE

O Índice do Custo de Trabalho (ICT) em Portugal (dados do Eurostat), no 4.º trimestre de 2017, registou um crescimento homólogo de 0,7%. De referir que, na evolução em cadeia, o índice apresentou uma variação praticamente nula. O índice posicionou-se nos 102,5 pontos (ano base 2012). Este crescimento surge em linha com a tendência registada em período homólogo de 2016, no qual verificou-se um incremento de 0,7%

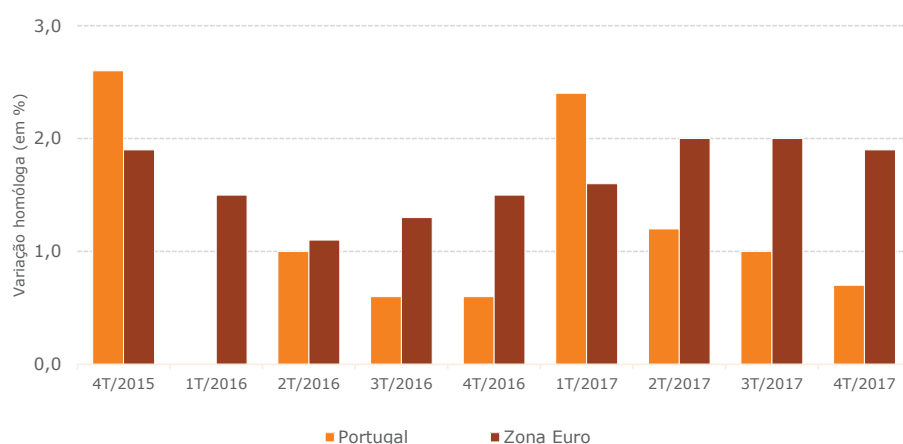
no ICT em Portugal, quando comparado com igual período de 2015. De referir que o ICT em Portugal tem revelado, sistematicamente, valores inferiores aos da zona euro.

De acordo com o INE e considerando os valores ajustados de dias úteis, no 4.º trimestre de 2017 o ICT registou um acréscimo homólogo de 4,7%. No trimestre anterior tinha sido observado

um decréscimo homólogo de 0,9%. As duas principais componentes dos custos do trabalho – custos salariais e os outros custos (por hora efetivamente trabalhada) – aumentaram 4,6% e 4,9%, respetivamente, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, o ICT na zona euro apresentou uma taxa de variação homóloga de 1,9%, enquanto a taxa de variação em cadeia foi de 0,5%, ficando este indicador posicionado nos 108,8 pontos no 4.º trimestre do ano.

Evolução do índice do custo do trabalho em Portugal e na zona euro (base 2012)



Fonte: Eurostat

2.5. Perspetivas para o futuro próximo

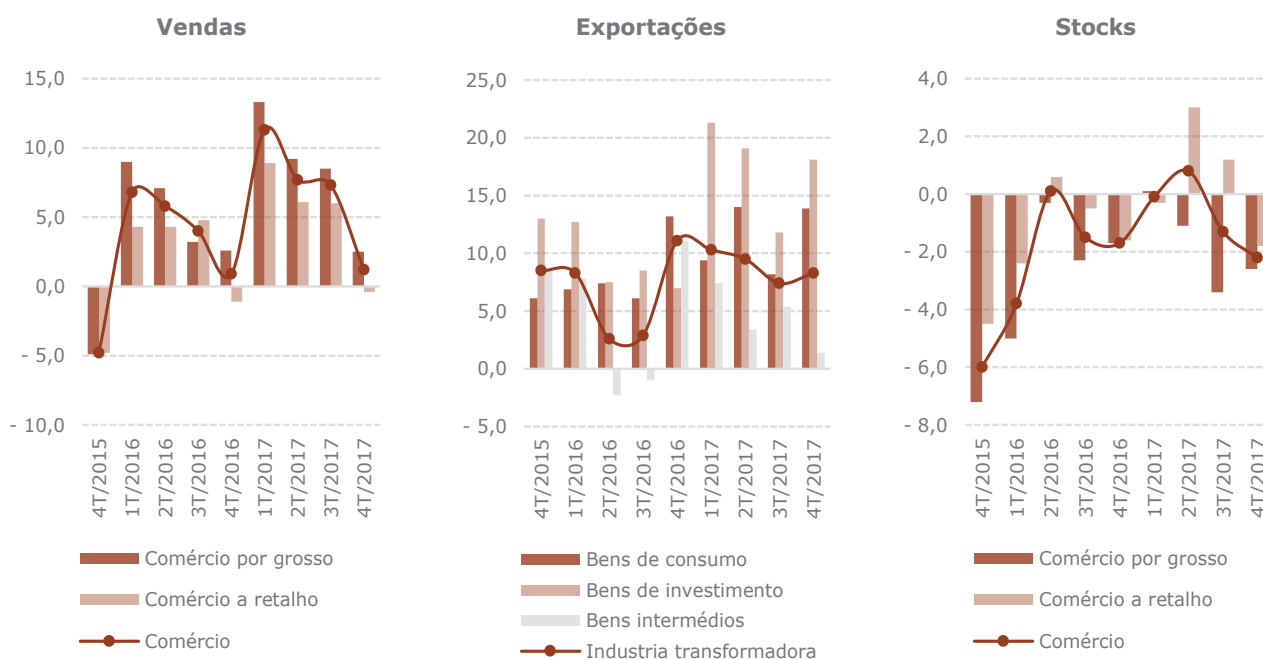
As perspetivas avançadas pelos empresários face ao futuro próximo têm sido moderadamente favoráveis nas últimas inquirições do INE. No que respeita ao volume de vendas, nos quatro trimestres de 2017, as perspetivas no comércio em geral revelaram-se positivas, embora com menor intensidade no 4.º trimestre do ano.

No caso das exportações, a confiança do tecido empresarial desacelerou ligeiramente no 2.º e 3.º trimestres de 2017, prejudicada pelos bens intermédios e pelos bens de investimento, que registaram uma ligeira desaceleração. O 4.º trimestre do ano evidenciou uma nova aceleração deste indicador, impulsionado pelos bens de consumo e os bens de investimento.

Por seu turno, as empresas perspetivam uma diminuição do nível de existências, quer no comércio a retalho, quer no comércio por grosso.

No que concerne à evolução geral da economia, a apreciação das entidades empresariais tem evidenciado, desde o 3.º trimestre de 2016, uma melhoria considerável, registando valores positivos desde o 1.º trimestre de 2017, enquanto as perspetivas sobre a situação económica em geral têm registado desde o 1.º trimestre de 2017 uma tendência positiva, antecipando, desta forma, um desempenho económico mais favorável no futuro.

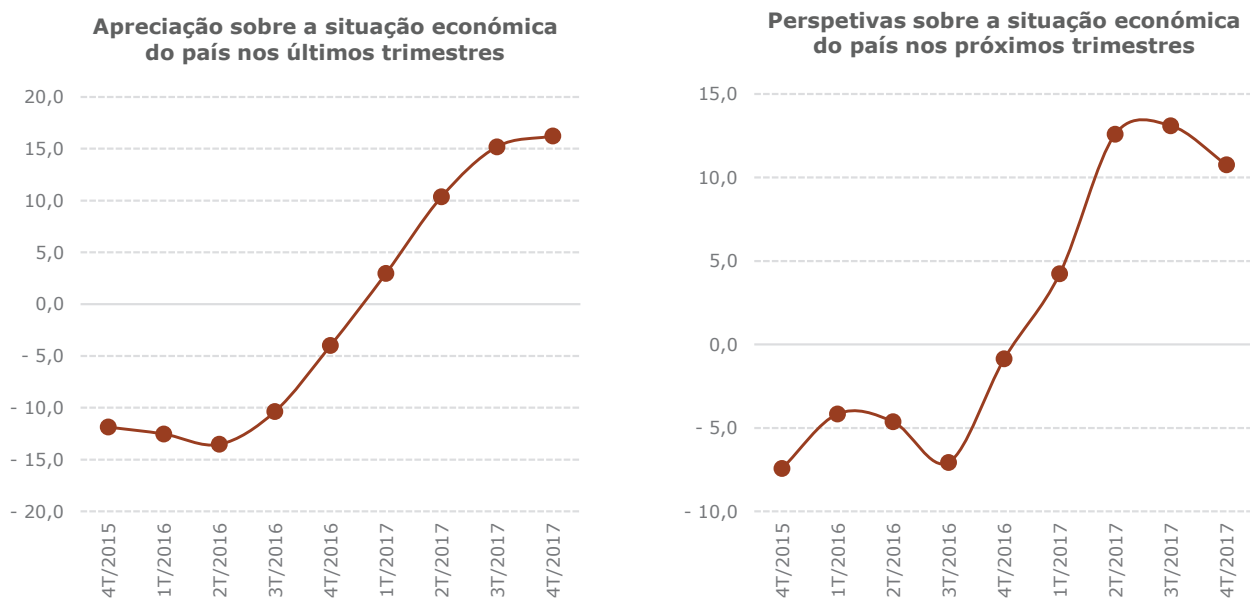
Perspetivas sobre o volume de vendas, exportações e stocks nos próximos trimestres



Nota: saldo de respostas extremas, em %.

Fonte: INE

Avaliação da situação económica atual e futura do país



Nota: saldo de respostas extremas, em %.

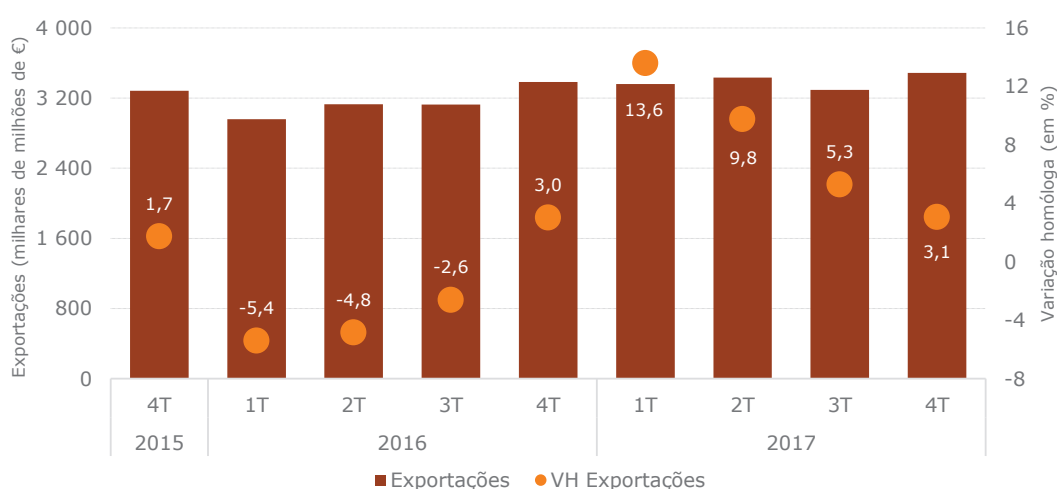
Fonte: INE

3. Comércio internacional de têxteis e vestuário

No 4.º trimestre de 2017, as exportações mundiais de mercadorias registaram uma variação positiva de 3,1% em relação ao período homólogo, desacelerando ligeiramente a tendência de crescimento das trocas internacionais, em relação ao verificado no 3.º trimestre do ano (com base nos dados preliminares disponíveis no ITC). Em

termos de valores, as exportações mundiais de mercadorias atingiram os 3.487 milhares de milhões de euros, com o conjunto do 2.º semestre do ano a ficar marcado por um crescimento homólogo de 4,1% em relação a igual período de 2016.

Evolução do comércio mundial de mercadorias



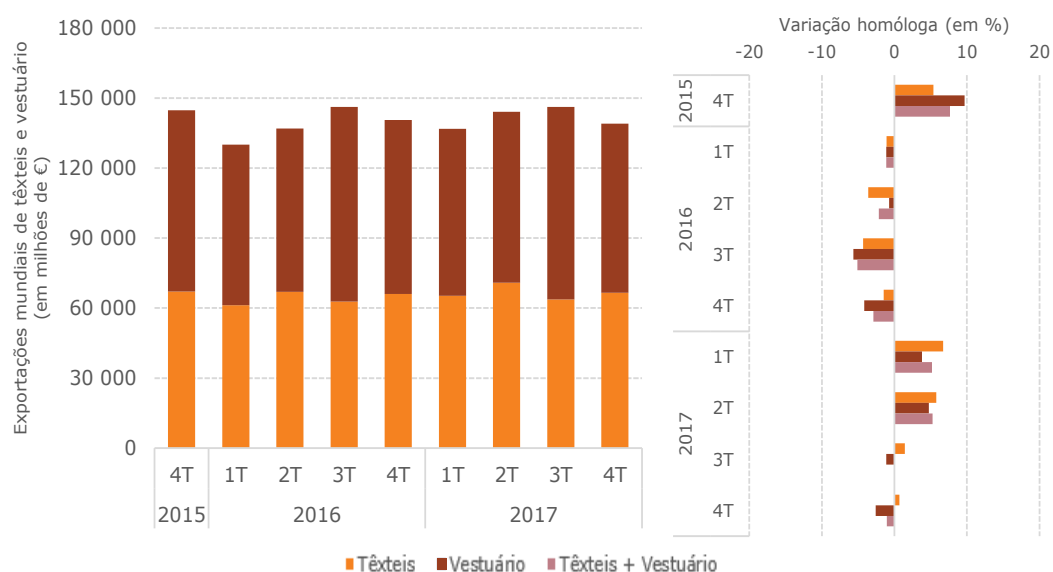
Nota: considerados apenas os países com dados trimestrais nos últimos 3 anos: entre 2015 e 2016 (estes países representam mais de 90% das exportações mundiais).

Fonte: ITC

No respeitante a têxteis e vestuário, no conjunto do 4.º trimestre de 2017, as exportações destes produtos representaram 4,0% do total das exportações mundiais de mercadorias. Em termos homólogos e considerando os dados preliminares disponíveis no ITC, as exportações

mundiais de têxteis e vestuário registaram uma variação negativa de 1,0%, tendo sido a categoria de vestuário a que mais influenciou este resultado (descida homóloga de 2,6%), com as exportações de têxteis a crescerem 0,7%.

Evolução do comércio mundial de produtos de têxtil e vestuário



Notas: valores em milhões de euros (M€); apenas considerados países com dados trimestrais disponíveis.

Fonte: ITC

Na UE, no 4.º trimestre de 2017, a Alemanha e a Itália foram os principais países exportadores de têxteis e vestuário, os quais, no seu conjunto, representam perto de 35% das exportações comunitárias. De salientar que, nos dois casos, foi registada uma variação homóloga positiva, com as exportações a crescerem 17,1% na Alemanha e 5,5% na Itália.

Alargando o espectro para o mundo, a China ocupa o lugar de liderança enquanto principal exportador de têxteis e vestuário (quota de 40%), tendo evidenciado uma descida de 5,1% no valor das suas exportações face ao 4.º trimestre de 2016.

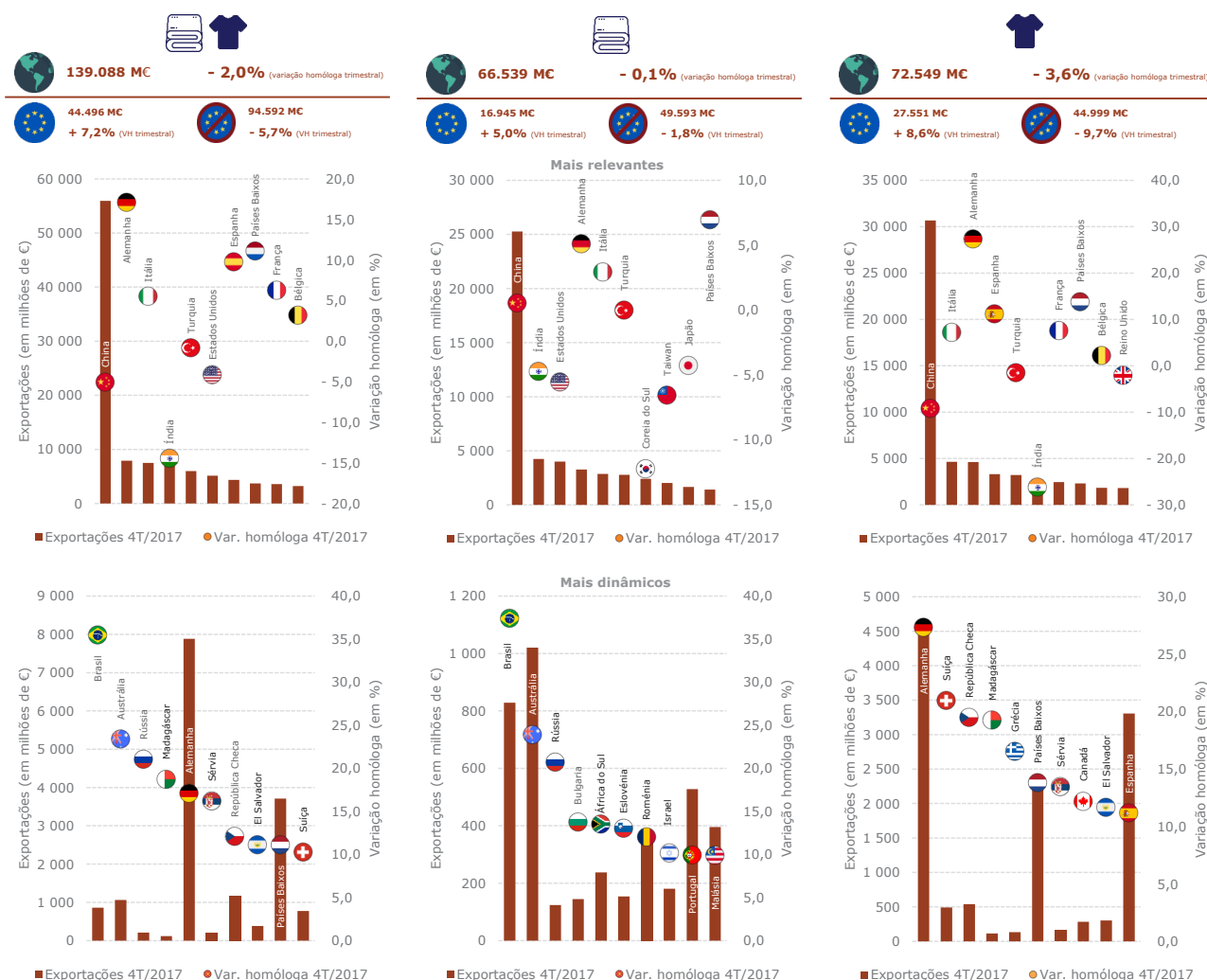
No âmbito da análise dinâmica e considerando os exportadores mais relevantes (com exportações no trimestre superiores a 100 milhões de euros), o Brasil foi o país que mais cresceu face ao trimestre homólogo (+35,5%). No âmbito desta análise, de destacar também a Austrália, a Rússia, Madagáscar

e a Alemanha, entre os países mais dinâmicos no 4.º trimestre de 2017.

Nos produtos têxteis, em termos de relevância, são a China, a Índia, os Estados Unidos e a Alemanha, os países que mais se destacam nas exportações, respondendo em conjunto por uma quota mundial de 55%. Em termos de dinâmica, o destaque vai para o Brasil, a Austrália, a Rússia e a Bulgária, que ocupam as primeiras posições.

Por sua vez, do lado das exportações de artigos de vestuário, a China continua a liderar a classificação dos exportadores mais relevantes, com um contributo de 42% do total das exportações, tendo registado uma quebra de 9,2% face a igual período de 2016. Em termos dinâmicos, o destaque vai para a Alemanha, a Suíça, a República Checa e Madagáscar, sendo também de destacar a dinâmica conseguida por parte da Grécia, entre os principais exportadores mundiais.

Exportadores mundiais de têxtil e vestuário com maior relevância e maior dinâmica



Notas: apenas considerados países com dados trimestrais disponíveis; valores em milhões de euros (M€); na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 100M€.

Fonte: ITC

A UE tem um peso bastante considerável no total das importações de têxteis e vestuário mundiais, com uma quota de 45%, para a qual a Alemanha é o país que mais contribui (representa 19% das importações comunitárias), seguindo-se o Reino Unido (12%), a França (11%) e a Itália (9%).

Do ponto de vista mundial, são os Estados Unidos que lideram no 4.º trimestre de 2017 a classificação dos principais importadores de têxteis e vestuário, com uma quota de 19%, sendo também de destacar o Japão (6%) e a China (5%),

que, depois da Alemanha, ocupam as 3.ª e 4.ª posições.

Em termos específicos dos produtos têxteis, as importações mundiais no 4.º trimestre de 2017 permaneceram sob o domínio dos Estados Unidos, da China e da Alemanha, que, no conjunto, foram responsáveis por uma quota de 31% das importações mundiais destes produtos.

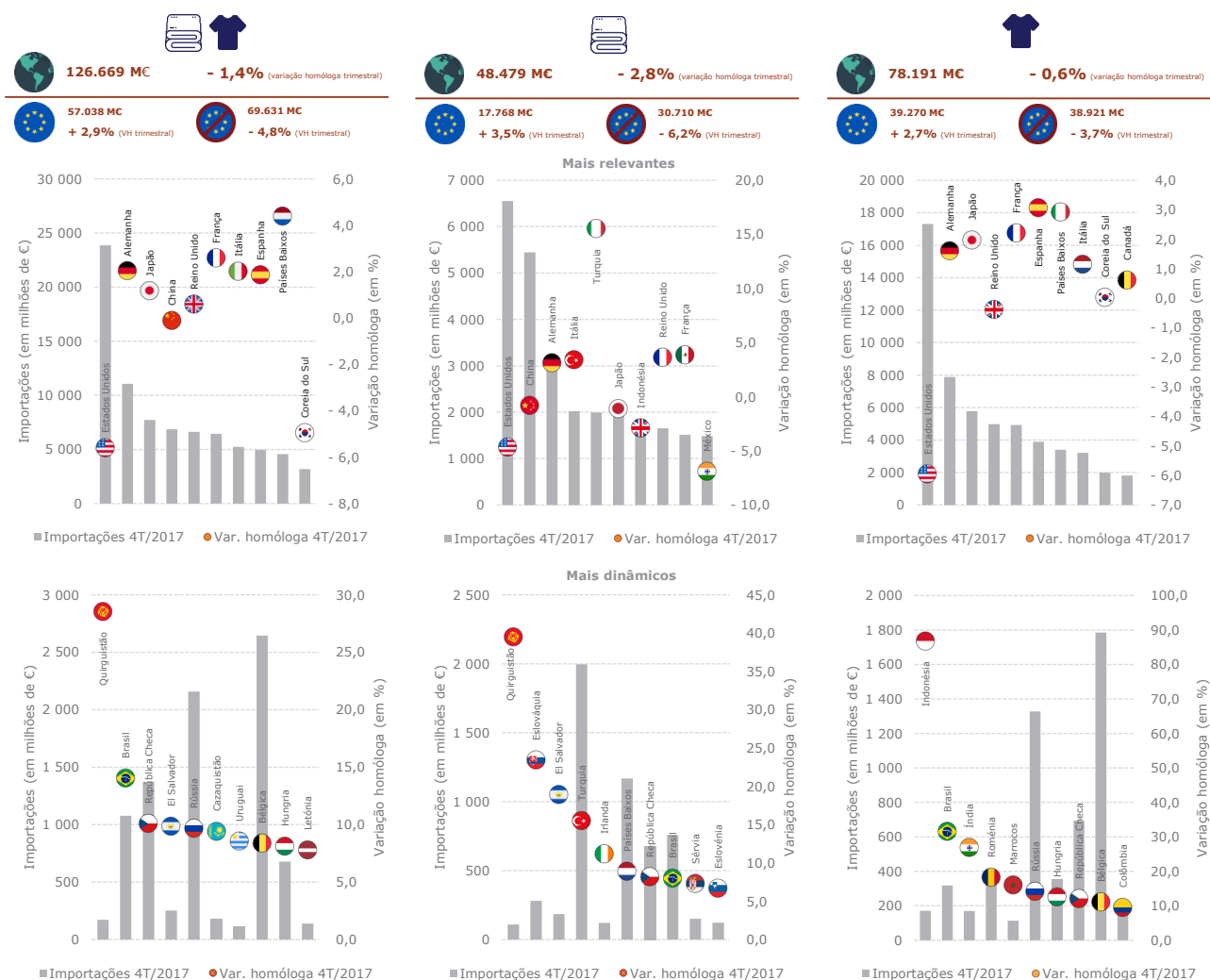
No âmbito dos produtos de vestuário, a China perde relevância, ficando excluída da listagem dos

dez principais importadores mundiais. Desta feita, os maiores importadores mundiais de vestuário no 4.º trimestre de 2017 foram os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão, que concentraram perto de 40% do total das importações do trimestre.

No que se refere ao crescimento das importações no 4.º trimestre de 2017 face ao mesmo período do ano anterior, no cômputo dos produtos de têxtil e vestuário, o Quirguistão foi o país que

mais cresceu. Concentrando a análise nos países de maior relevância, destaca-se no conjunto das importações de têxteis e vestuário a dinâmica registada por: Brasil, República Checa, Rússia e Bélgica. Para além destes países destacam-se também a Turquia e os Países Baixos na dinâmica em termos das importações de têxteis, bem como o caso da Roménia ao nível da dinâmica nas importações de vestuário.

Importadores mundiais de têxtil e vestuário com maior relevância e maior dinâmica



Notas: apenas considerados países com dados trimestrais disponíveis; valores em milhões de euros (M€); na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 100M€.

Fonte: ITC

4. Têxtil e vestuário em Portugal

4.1. Evolução da atividade económica

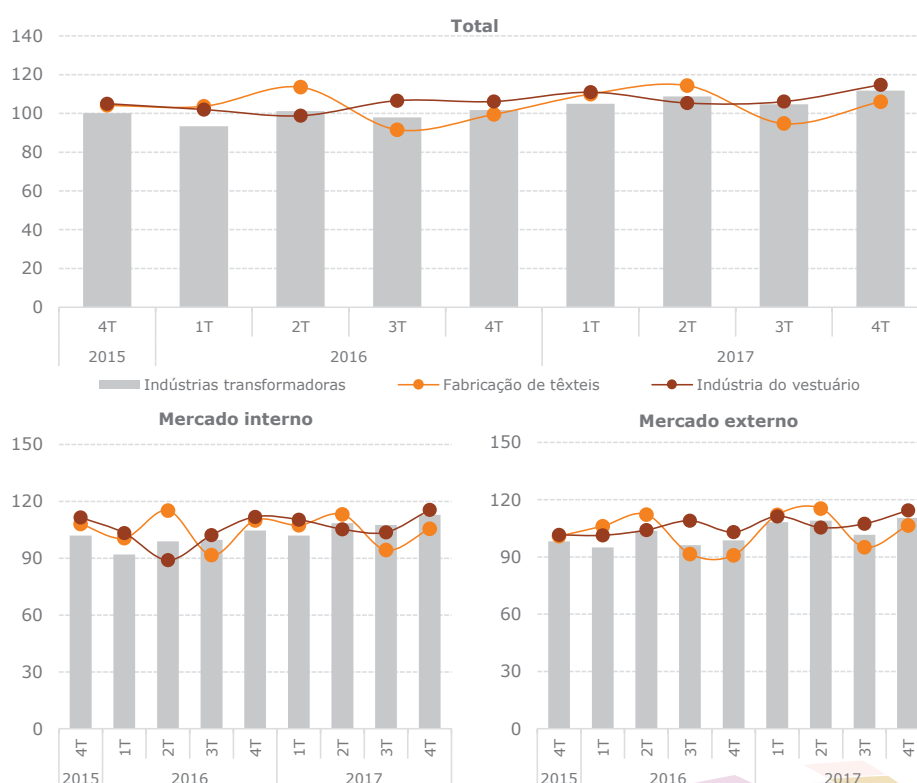
No 4.º trimestre de 2017, o índice de volume de negócios para o conjunto de todas as indústrias transformadoras foi de 111,7 pontos, estando, por conseguinte, acima do patamar registado em 2015, ano base para o cálculo dos valores índice, posicionando-se também acima do valor registado no período homólogo de 2016 (101,8 pontos).

A indústria do vestuário e a fabricação de têxteis têm apresentado, em alguns trimestres, valores índice inferiores aos da indústria transformadora. No caso do vestuário, esta diferença foi sentida no 2.º trimestre de 2016 e no 2.º trimestre de 2017, enquanto nos têxteis destaca-se o caso dos 3.º e 4.º trimestres quer em 2016, quer em 2017.

De referir que o sector de vestuário tem evidenciado um desempenho tendencialmente crescente em termos do volume de negócios no mercado externo. De facto, no 4.º trimestre de 2017, a indústria do vestuário faturou no mercado externo mais de 14% acima do valor médio registado em 2015.

Relativamente à fabricação de têxteis, esta aparenta estar novamente a recuperar a sua orientação para o exterior, mantendo ao longo de 2017 um nível de faturação nos mercados externos 7% superior na comparação com o ano de 2015. O 4.º trimestre de 2017 foi mais positivo para a indústria têxtil, em comparação com o anterior, resultado de uma melhoria do desempenho nos mercados interno e externo.

Evolução do volume de negócios na indústria



Nota: ano base 2015; médias trimestrais.

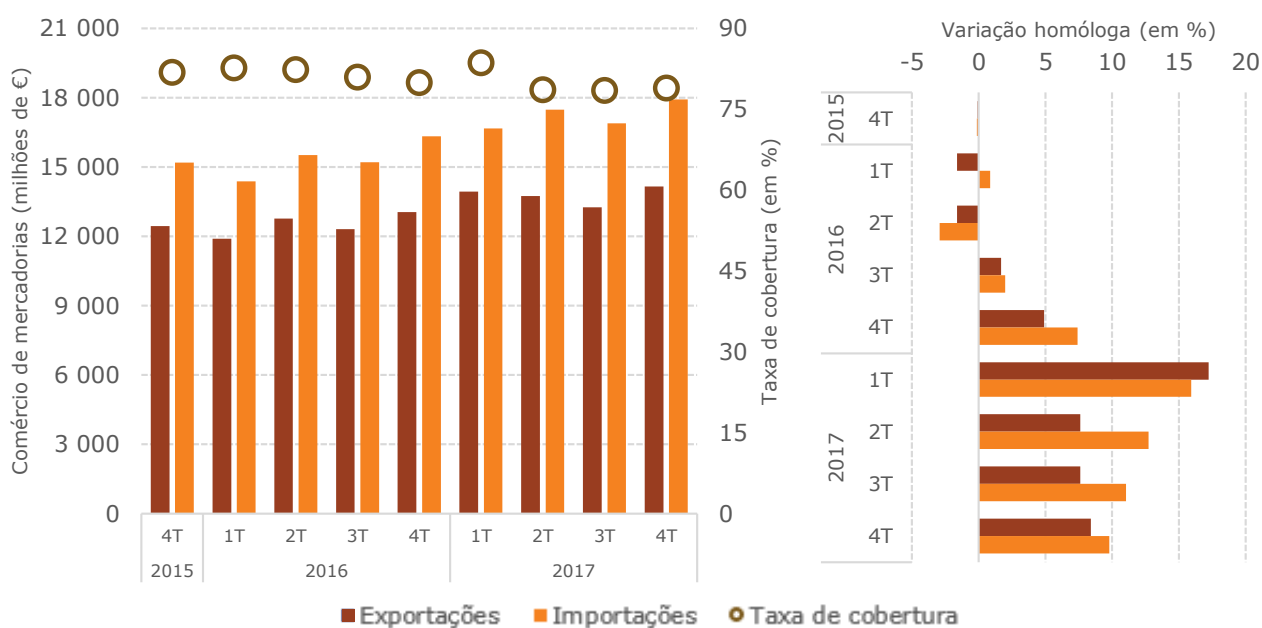
Fonte: INE

4.2. Relevância do comércio internacional

As exportações portuguesas de mercadorias no 4.º trimestre de 2017 foram de 14,2 mil milhões de euros, mais 6,8% do que no 3.º trimestre do ano e mais 8,4% face ao período homólogo de 2016. Por seu lado, também as importações apresentaram variações positivas em cadeia (crescimento de 6,1%) e em termos da comparação homóloga (crescimento de 9,8%), tendo atingido os 17,9 mil milhões de euros.

Para além de a balança comercial ser deficitária no 4.º trimestre de 2017 e do seu agravamento em relação ao trimestre anterior (crescimento de 3,9%), a diferença entre exportações e importações aumentou em comparação com o período homólogo, sendo registado um acréscimo de 15,3% neste indicador.

Evolução do comércio internacional português de mercadorias: exportações, importações e taxa de cobertura



Fonte: INE

A indústria têxtil e de vestuário, vista no seu conjunto, é um dos setores industriais em que Portugal apresenta claras vantagens comparativas reveladas e um bom posicionamento competitivo internacional, o que se deve muito ao contributo do saldo comercial dos produtos de vestuário.

No cômputo geral das exportações portuguesas de mercadorias, no 4.º trimestre de 2017, as exportações de produtos de têxtil e vestuário

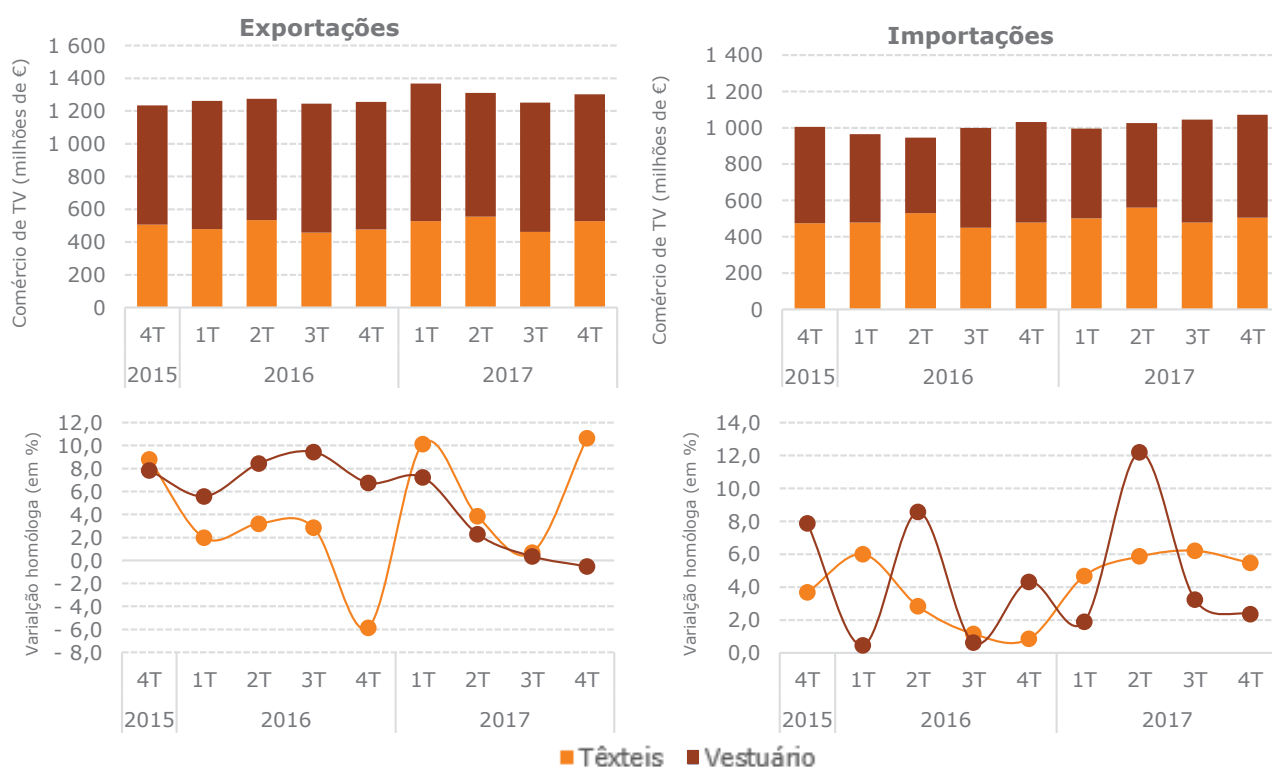
responderam por 9,2% do total, com destaque para o vestuário, com uma quota de 5,5%.

Face ao período homólogo, o valor das exportações de têxteis e vestuário registou uma subida de 3,7% no 4.º trimestre de 2017. Este resultado deve-se ao aumento das vendas de têxteis (crescimento de 10,6%) na medida em que as exportações de vestuário diminuíram (quebra de 0,5%).

Por seu lado e para o mesmo período de análise, as importações de têxteis e vestuário registaram uma variação homóloga positiva de 3,8%, consequência das subidas registadas tanto nas

importações de têxteis (crescimento de 5,5%), como nas importações de vestuário (crescimento de 2,3%).

Dinâmica e posicionamento das exportações e importações portuguesas de têxtil e vestuário



Fonte: INE

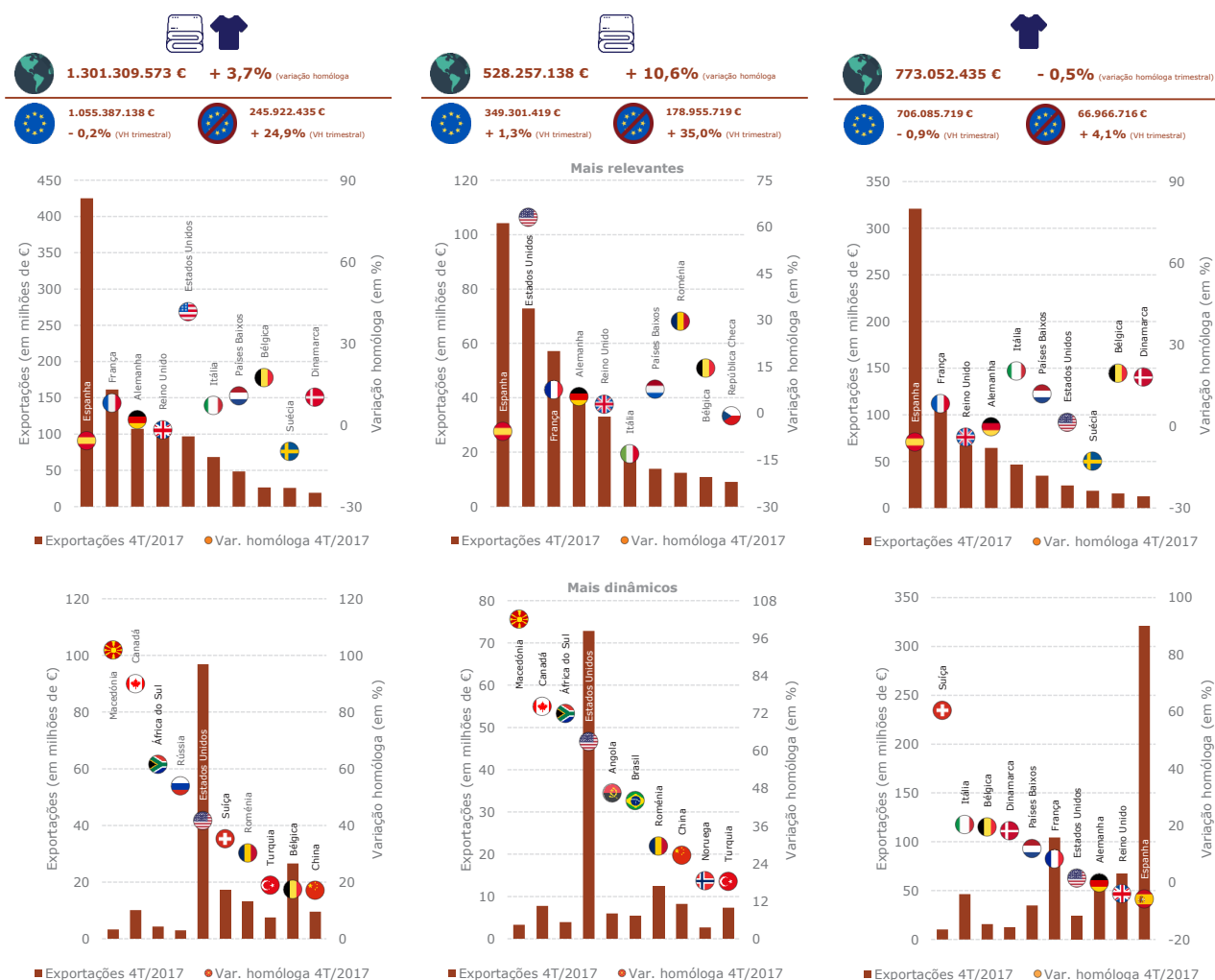
Os principais mercados de exportação de produtos de têxtil e vestuário portugueses seguem o padrão geográfico das exportações do total de mercadorias, isto é, uma forte orientação para o comércio intracomunitário (81% do total no 4.º trimestre de 2017). Espanha, França, Alemanha e Reino Unido, ocupam os lugares cimeiros da classificação de destinos de produtos de têxtil e vestuário portugueses no 4.º trimestre de 2017, cenário que se manteve praticamente em linha com o período homólogo.

Quando analisamos separadamente os dois agregados de produtos, constata-se que os dois

principais mercados (Espanha e França) integram o grupo de destino líder tanto das exportações de produtos têxteis (quota de mercado de 31%, mas com os Estados na 2.ª posição à frente da França) como dos artigos de vestuário (quota de 55%).

Por outro lado, Macedónia, Canadá, África do Sul e Rússia, são os países com maior crescimento entre os destinos das exportações portuguesas de têxteis e vestuário. No entanto, enquanto as dinâmicas da Macedónia, do Canadá e da África do Sul se revestem de importância nas exportações de têxteis, nas dinâmicas das exportações de vestuário o destaque vai para a Suíça, a Itália e a Bélgica.

Principais mercados de destino das exportações portuguesas dos produtos de têxtil e vestuário



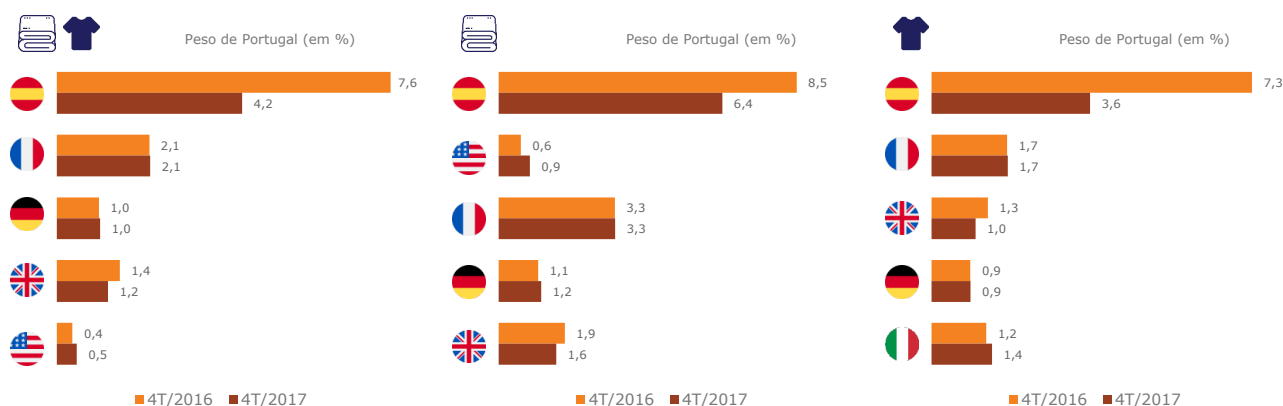
Nota: valores em milhões de euros (M€); na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 3M€.

Fonte: INE

Segundo os dados disponíveis para o 4.º trimestre de 2017, a Espanha é o país no qual Portugal apresenta uma quota mais significativa (4,2%), apesar da acentuada quebra de representatividade em relação ao período homólogo de 2016, em que a quota portuguesa posicionava-se nos 7,6%. O posicionamento português no mercado espanhol é mais forte quando consideradas apenas as exportações de produtos têxteis (6,4%), com a quota portuguesa a assumir uma proporção de 3,6% quando considerados os produtos de vestuário.

Na realidade, a Espanha é o único mercado onde Portugal deteve uma posição dominante no 4.º trimestre de 2017, cingindo-se a posicionamentos menos relevantes nos restantes mercados analisados, apenas assumindo uma quota de mercado de 3,3% das importações de produtos têxteis por parte da França, mantendo neste caso a proporção de representatividade quando comparado com igual período de 2016.

Posicionamento e evolução de Portugal nos 5 mercados mais relevantes



Fonte: Eurostat e OTEXA

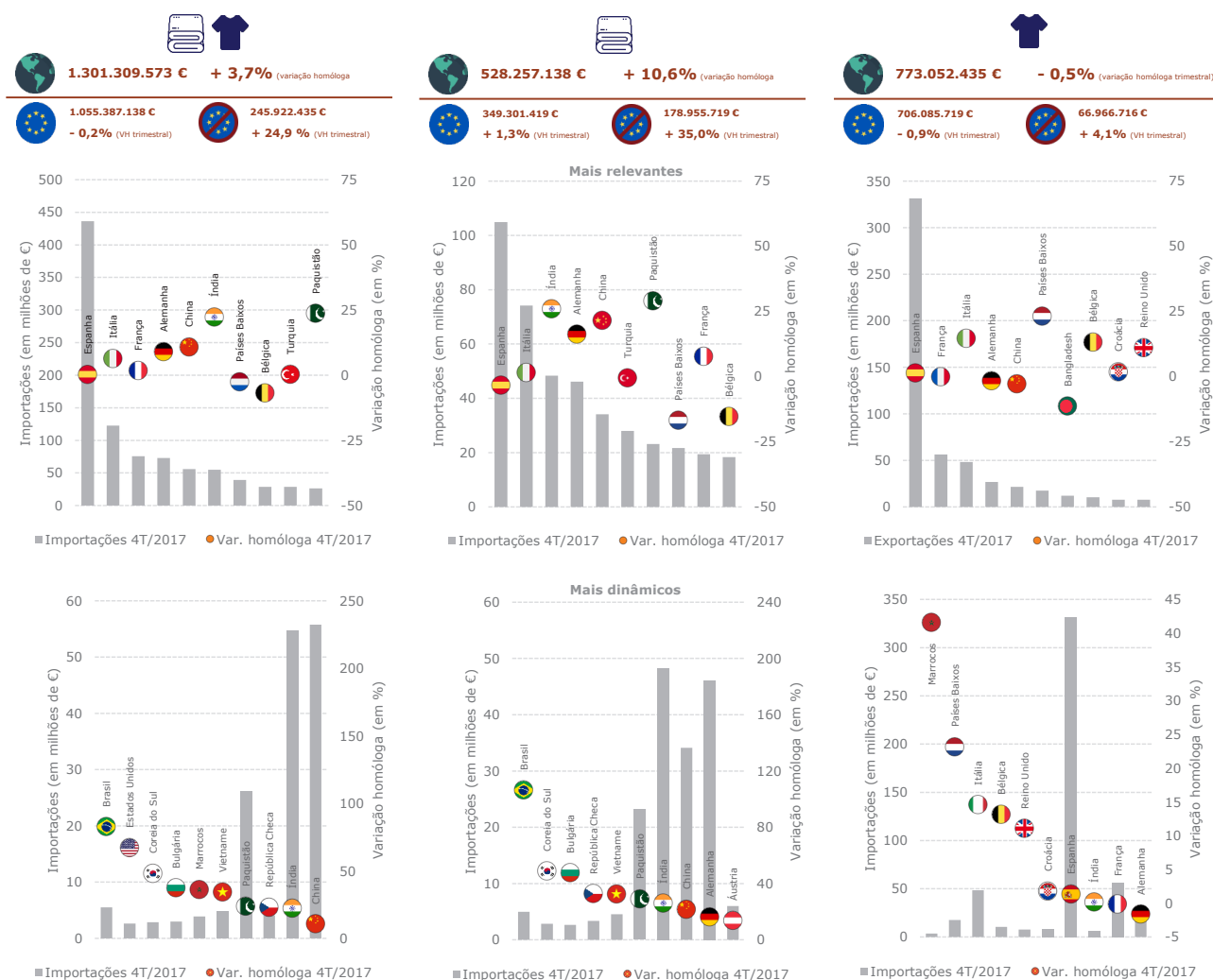
Tal como se verificou nas exportações, também as importações portuguesas de produtos de têxtil e vestuário têm como principal origem o mercado intracomunitário (78% do total no 4.º trimestre de 2017). Espanha, Itália, França e Alemanha, lideram a classificação, sendo de destacar as subidas registadas nas importações provenientes dos mercados italiano e alemão. De salientar também a subida no valor das importações provenientes da Índia (crescimento de 22,3%) e da China (crescimento de 10,7%). Entre as principais origens, o Paquistão foi o país que apresentou o maior crescimento homólogo como origem das importações portuguesas de têxteis e vestuário (crescimento de 23,7%).

As dinâmicas da Índia, da China e do Paquistão destacam-se claramente nas importações de produtos têxteis, com variações de 26,0%, 21,5% e 29,0%, respetivamente. Em contrapartida, a

Itália e os Países Baixos merecem destaque nas importações de vestuário, com crescimentos homólogos de 14,6% e 23,1%, respetivamente. Importa ainda realçar, no âmbito das importações de vestuário, as subidas homólogas verificadas nas importações provenientes da Bélgica (crescimento de 13,2%) e do Reino Unido (crescimento de 11,1%).

Em termos dinâmicos e considerando as origens de importação com um mínimo de 3 milhões de euros, o destaque no conjunto dos têxteis e vestuário vai para o Brasil, os Estados Unidos e a Coreias do Sul, com crescimentos entre os 48% e perto dos 83%. No caso dos produtos têxteis o destaque é assumido pelo Brasil, Coreia do Sul e Bulgária, enquanto do lado dos produtos de vestuário salientam-se as dinâmicas de Marrocos, Países Baixos e Itália.

Principais mercados de origem das importações portuguesas de produtos de têxtil e vestuário



Nota: valores em milhões de euros (M€); na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 3M€.

Fonte: INE

4.3. Estrutura do comércio internacional

Dada a especialização produtiva de Portugal, não é de estranhar que os grupos de produtos ligados ao vestuário sejam os que assumem os lugares cimeiros nas exportações de têxteis e vestuário. Para além do destaque assumido no 4.º trimestre de 2017 pelas exportações de vestuário de malha, salientam-se em termos dinâmicos as exportações de “fibras, fios e tecidos de outras fibras vegetais”, “fibras, fios e tecidos de lã”, “pastas, feltros, falsos tecidos e cordoaria” e “tecidos impregnados

e revestidos”, todos com crescimentos de exportações na ordem dos dois dígitos.

Ao nível das importações, o vestuário (principal produto) cresceu em termos agregados no 4.º trimestre de 2017 e, na comparação com o período homólogo, o destaque vai para as “pastas, feltros, falsos tecidos e cordoaria” (crescimento de 14%) e para as “fibras, fios e tecidos de algodão” (crescimento de 11%).

Estrutura das exportações portuguesas de têxtil e vestuário por grupo de produtos

61. Vestuário e seus acessórios de malha 519 278 131 € VH: ↓ 1% VHa: ↑ 3%	62. Vestuário e seus acessórios, excluindo malhas 253 774 304 € VH: ↑ 1% VHa: ↑ 1%
63. Outros artefactos têxteis confeccionados 167 113 522 € VH: ↓ 1% VHa: = 0%	56. Pastas, feltros e cordoaria 67 410 585 € VH: ↑ 66% VHa: ↑ 17%
55. Fibras sintéticas ou artificiais, desc. 66 756 646 € VH: ↑ 13% VHa: ↑ 7%	59. Tecidos impregnados e revestidos 64 204 596 € VH: ↑ 23% VHa: ↑ 16%
52. Algodão (fibras, fios e tecidos) 42 207 471 € VH: ↓ 2% VHa: ↑ 5%	60. Tecidos de malha 35 298 652 € VH: ↑ 13% VHa: ↑ 8%
58. Tecidos especiais e tufados 25 516 544 € VH: ↑ 2% VHa: ↓ 2%	54. Filamentos sintéticos ou artificiais 20 437 993 € VH: ↓ 10% VHa: = 0%
57. Tapetes e outros revestimentos 20 344 731 € VH: ↑ 2% VHa: ↑ 3%	51. Lã (fibras, fios e tecidos) 16 904 458 € VH: ↑ 27% VHa: ↑ 17%
53. Outras fibras vegetais (fibras, fios e tecidos) 2 030 111 € VH: ↑ 34% VHa: ↑ 18%	50. Seda (fios e tecidos) 31 829 € VH: ↓ 43% VHa: ↓ 14%

Estrutura das importações portuguesas de têxtil e vestuário por grupo de produtos

61. Vestuário e seus acessórios de malha 293 781 291 € VH: ↓ 1% VHa: ↑ 3%	62. Vestuário e seus acessórios, excluindo malhas 273 264 183 € VH: ↑ 6% VHa: ↑ 6%
52. Algodão (fibras, fios e tecidos) 139 873 047 € VH: ↑ 6% VHa: ↑ 11%	54. Filamentos sintéticos ou artificiais 82 498 667 € VH: ↓ 1% VHa: ↑ 2%
55. Fibras sintéticas ou artificiais, desc. 73 869 712 € VH: ↑ 3% VHa: ↑ 3%	63. Outros artefactos têxteis confeccionados 42 090 114 € VH: ↑ 11% VHa: ↑ 9%
59. Tecidos impregnados e revestidos 32 945 486 € VH: ↑ 12% VHa: ↑ 8%	51. Lã (fibras, fios e tecidos) 29 873 999 € VH: ↑ 12% VHa: ↑ 10%
60. Tecidos de malha 28 561 679 € VH: ↓ 12% VHa: ↓ 9%	56. Pastas, feltros e cordoaria 25 437 511 € VH: ↑ 17% VHa: ↑ 14%
57. Tapetes e outros revestimentos 19 418 017 € VH: ↑ 15% VHa: ↑ 9%	58. Tecidos especiais e tufados 13 789 208 € VH: ↑ 12% VHa: = 0%
53. Outras fibras vegetais (fibras, fios e tecidos) 12 538 407 € VH: ↑ 4% VHa: ↓ 4%	50. Seda (fios e tecidos) 3 202 346 € VH: ↑ 22% VHa: ↓ 23%

Nota: VH - variação homóloga, VHa - variação homóloga acumulada.

Fonte: INE

No que se refere aos produtos de vestuário e seus acessórios de malha (NC61), no 4.º trimestre de 2017 comparativamente ao mesmo período do ano anterior, Portugal conseguiu uma forte penetração em mercados em franca expansão, como: Croácia, Indonésia, Hungria e Rússia, sendo de salientar a perda de relevância na Áustria.

Relativamente aos produtos de vestuário e seus acessórios em tecido (NC62), a Rússia, a Indonésia

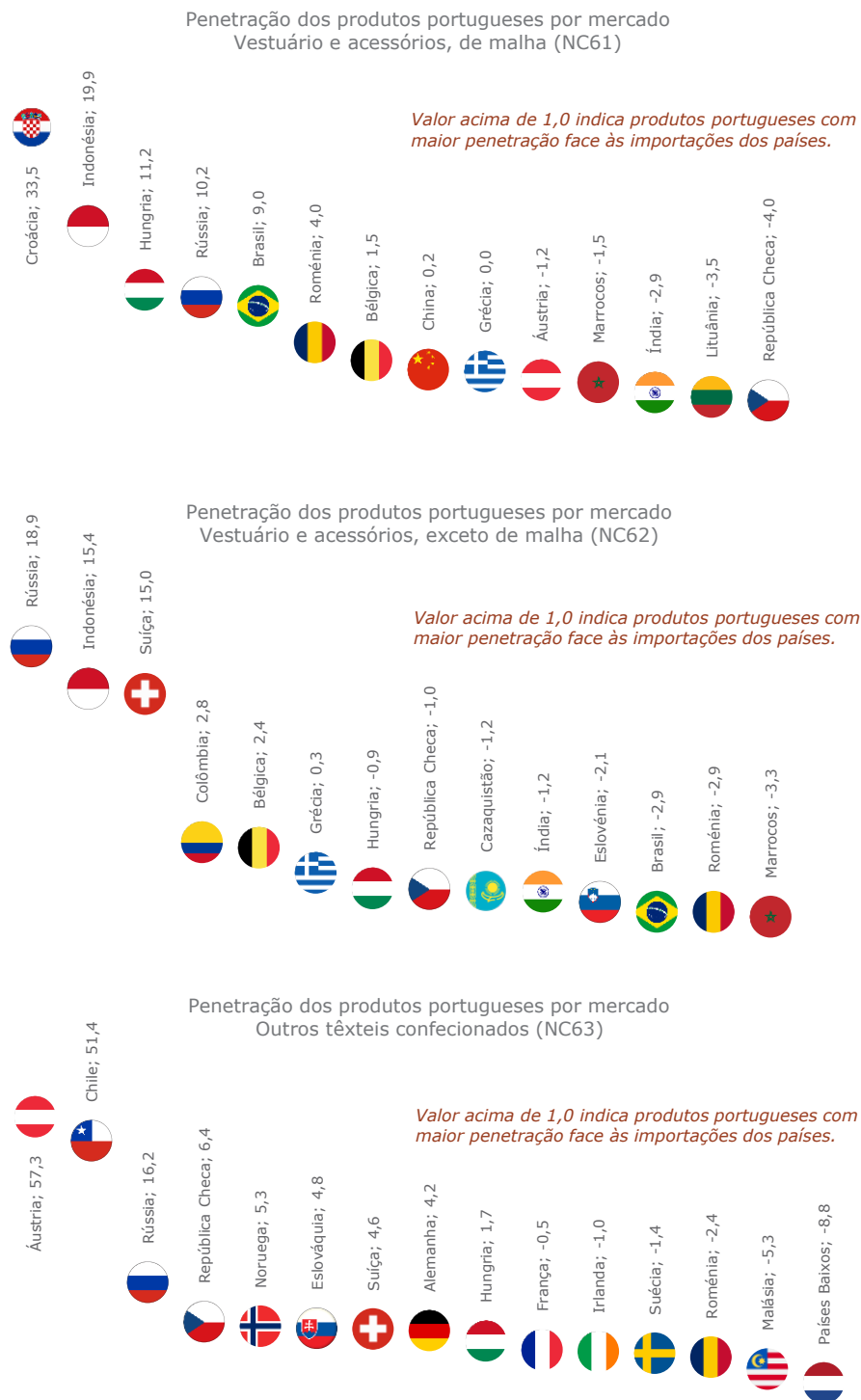
e a Suíça, foram mercados que, simultaneamente, registaram fortes crescimentos e que se revelaram de grande interesse para as empresas portuguesas. De referir, no entanto, a pior dinâmica portuguesa no caso das exportações destinadas ao Brasil.

Nos outros têxteis confeccionados (NC63) o destaque vai para o desempenho das exportações destinadas a: Áustria, Chile e Rússia. De referir, no entanto, que dentro desta categoria de produtos (a

qual inclui os produtos de têxtil-lar), foi verificado um desempenho das exportações portuguesas

que ficou aquém do crescimento de mercado no caso da França, da Irlanda e da Suécia.

Grau de alinhamento entre a dinâmica das exportações portuguesas e a dinâmica das importações mundiais



Nota: no âmbito desta análise é considerado o limite mínimo de 50M€ no valor das importações.

Fonte: análise desenvolvida com base em dados do ITC

A informação contida nesta publicação foi obtida de fontes consideradas fiáveis, mas a sua precisão não pode ser totalmente garantida. O CENIT não se responsabiliza por qualquer perda, direta ou potencial, resultante da utilização desta publicação ou dos seus conteúdos. A reprodução de parte ou da totalidade desta publicação é permitida, sujeita a indicação da fonte.

CENIT – Centro de Inteligência Têxtil

E-mail: estudos@portugaltexil.com

Web: www.portugaltexil.com

cenit.

www.portugaltexil.com
cenit@portugaltexil.com